

VIDA RURAL



MENSAL - Nº 1797
ANO 62
MAIO 2014
3,60€ (CONTINENTE)

REVISTA PROFSSIONAL DE AGRONEGÓCIOS

www.vidarural.pt

INVESTIR NA PRODUÇÃO DE NOZES



5 601073 000550



RELVA
PRODUÇÃO
NACIONAL
A CRESCER

TENDÊNCIA
O REGRESSO
DA TRAÇÃO
ANIMAL

VITICULTURA
DESCOBERTAS
15 NOVAS
CASTAS

O regresso da tração animal

A vulgarização das máquinas agrícolas afastou os animais de trabalho das cidades e do campo. Mas dentro dos movimentos ecologistas surgiu a ideia de recuperar a tração animal, agora com um maior cuidado com o bem-estar animal. Em paralelo, o 'atraso' da agricultura portuguesa em muitas regiões, ou a pura necessidade, faz com que ainda existam animais de trabalho da forma tradicional.

Texto - João Barbosa

João Brandão Rodrigues, presidente da Associação Portuguesa de Tração Animal (AP-TRAN), reflete: "É uma realidade que tende a desaparecer. Por outro lado, há uma série de gente jovem, mais consciente da natureza e da conservação do solo, e que a usa de modo muito sustentável. O impacto é menor do que no modo tradicional e com melhores resultados do que os usados nos modos tradicionais".

O aumento das preocupações ambientais e o fator do preço da energia fóssil está a criar um "movimento" de defesa do modo alternativo. A tração animal é um regresso que cumpre esses objetivos e, um pouco por todo o lado, têm surgido novos utilizadores. Se no passado a tração animal era a possível, hoje pertence a uma filosofia de vida.

Porém, em Portugal ainda é usado como sempre foi, em que o pai ensinava o filho acerca dos trabalhos de preparação antes de ir para o campo e a trabalhar com os animais. Longe da modernidade do estilo de vida filosófico, é um modo de trabalhar e uma tradição presente, sobretudo, no minifúndio do interior Norte.

Embora ainda sejam usados em trabalhos no Alto Minho e na zona de Lafões, é em Trás-os-Montes e Beira Alta que têm maior uso - diz João Brandão Rodrigues... "Em Trás-os-Montes é muito comum que façam atividades agrícolas com animais. Nas hortas muita gente usa, nomeadamente com burros e mulas" - gente com um hectare ou menos. Coisas de muito pequena escala" - explica João Brandão Rodrigues.

Além do pequeno agricultor, no Douro a tração animal é a única solução viável, pois a estreiteza entre as vinhas assim o obriga. Nem só o tradicional camponês utiliza animais no amanho da terra.

João Brandão Rodrigues adianta que a dimensão não é um problema. "Nos Estados Unidos há produtores de vinho com 100 hectares e usam tração animal".

O regresso da tração animal não significa que se faça igual. Os novos cultivadores utilizam arreios mais confortáveis, arados modernizados, tal como outras ferramentas.



"A dimensão não é problema. Nos EUA há produtores com 100 ha de vinha que usam tração animal"

Um exemplo é a utilização da roda pneumática, em vez da metálica.

João Dinis, dirigente da Confederação Nacional de Agricultura (CNA), apoia a ideia dum regresso ao trabalho animal: "Voltar ao passado, com como um progresso"... João Dinis sublinha o conhecimento e o respeito pelo meio ambiente que gerações anteriores usavam e que foram passando de geração. "Lembramos que, 'antigamente', a exploração agrícola familiar era realmente integrada. Nada se perdia e tudo se transformava... Até a energia humana e animal se transformava em economia familiar sustentável".

As vinhas que não dispensam tração animal

Sendo o Douro uma região de tradição e antiguidade, vale a pena conhecer a realidade doutros produtores vinícolas. Na Real Companhia Velha, a tração animal é usada nas vinhas em socalcos, informou a empresa, referindo os seus técnicos de viticultura.

Dizem Rui Soares e Álvaro Martinho Lopes: "a tração animal é a única 'máquina' que consegue trabalhar (mobilização do solo e fertilização) nas entrelinhas das vinhas em socalcos no Douro. É uma realidade, não uma moda". Nesta empresa mult centenária, os animais servem para a mobilização dos so-

los e fertilização das vinhas. Usam pequenas charruas tradicionais".

As soluções da Sogrape não se distinguem das realizadas pela Real Companhia Velha. Na propriedade aristocrática do Morgadio da Calçada - em Sabrosa, a 600 metros de altitude no Douro - a vinha não é grande, mas trabalhosa. Os seus 4,5 hectares de vinha, com 6000 pés de vide, são trabalhados com recurso a macho. Manuel Villas Boas é o morgado e o enólogo e o parceiro é Dirk Niepoort. Pela dimensão da vinha, o projeto só é viável pela alta qualidade e raridade. Acerca da tração animal, Niepoort responde: "Pessoalmente gosto mais, mas em termos de custos é muito mais caro. Mas em alta densidade é muito melhor".

O duriense David Guimaraens, enólogo da The Fladgate Partnership (Taylor's, Croft, Fonseca e Wiese & Krohn), é um dos que usa a tração animal nas suas vinhas.

Neste grupo britânico, com pergaminhos antigos, o recurso a animais é funcional. "No nosso caso é sempre verdadeiro, é uma necessidade. Usamos nas parcelas de vinha dos velhos socalcos de muros de pedra onde não podemos mecanizar e na vinha biológica".

"Na viticultura nos velhos socalcos não estava previsto o acesso e a circulação de máquinas, sendo o trabalho essencialmente ma-

nual e recorrendo-se apenas à tração animal no trabalho do solo. Por isso, definido o compasso de plantação (a maior parte das vezes entre 1,30 metros e 1,65 metros quadrados por videira, e variando as entrelinhas entre (1,30 m e 1,50 m), alinhavam-se as videiras aproveitando para a vinha toda a superfície disponível em cada socalco” salienta o enólogo da The Fladgate Partnership.

Dirk Niepoort diz utilizar, nos seus 60 ha de vinha, alguma tração animal: “principalmente a tração animal nas vinhas velhas em micropatamares”. A razão é simples: “Nestas vinhas só a tração animal consegue fazer um trabalho de qualidade”.

A empresa portuguesa do setor dos vinhos também recorre a trabalhos com animais. “Este é um recurso sobretudo utilizado nas vinhas mais antigas que temos no Douro, nomeadamente na Quinta do Caedo” - afirma Miguel Pessanha, diretor coordenador de viticultura e enologia da Sogrape.

“São parcelas de vinha que, pelas suas características, nomeadamente grande densidade de plantas, com entrelinhas muito estreitas e com solos que necessitam de ser mobilizados, têm esse recurso como indispensável” - sublinha o mesmo responsável da Sogrape.

No pequeno mundo português, e especificamente na vitivinicultura, os animais não são funcionários excedentários. Porém, além do recurso milenar, a Sogrape está na dianteira das inovações tecnológicas.

“A Sogrape Vinhos está na linha da frente na utilização das novas tecnologias, indo muito

“A nossa vaca amarelada - animal autóctone, dócil e muito adaptado - fornecia a força para puxar a charrua e o carro; fornecia calor para aquecer a habitação do agricultor; fazia estrume para fertilizar; dava leite para alimentar ou vender; paria os bezerros para alimentar a família ou para algum negócio

“O incentivo ao uso desta nova (velha) tecnologia, assente num uso responsável dos animais como fonte de energia renovável e sustentável, respeitando sempre a sua dignidade, necessidades fisiológicas e limites físicos, poderá impulsionar uma nova dinâmica ao mundo rural português.”

para além dos GPS, como seja a utilização de drones para identificação do status da vinha” - revela Miguel Pessanha.

Animais variados

Mas não apenas os burros, mulas ou machos e vacas eram usados. Nos Açores, o gado ovino era usado para percorrer as muito inclinadas vias para as fajãs.

O responsável da CNA salienta o pouco ou raro uso, pois o custo da sua manutenção era apenas possível a lavradores abastados.

complementar; acabava em carcaça para carne e sobrava o coiro para também vender; dos chifres ainda se fazia instrumentos de sopro, de enfeite ou vasilhas para líquidos, normalmente para vinho. Aproveitamento total e a custo muito reduzido, que a alimentação desses animais era frugal e obtida localmente”.

“A valorização das raças autóctones nacionais, com aptidão para a tração animal, é também parte integrante e fundamental. A perda de funcionalidade associada fez di-

FUB

NERGETIC®

TECNOLOGIA C-PRO

TODA A ENERGIA DOS NUTRIENTES PROTEGIDOS

ADUBOS COM MACROMOLÉCULA REGULADORA DA LIXIVIAÇÃO E VOLATILIZAÇÃO, E UM EFICIENTE POTENCIADOR NUTRICIONAL.

www.adp-fertilizantes.pt

ADP
FERTILIZANTES

ESPECÍFICOS
FERTILIZANTES

minuir consideravelmente os efetivos de bovinos e equídeos nos últimos anos, tendo como consequência direta a perda de património genético mas também a perda de todo um conhecimento associado e mesmo o desaparecimento de ofícios tradicionais direta ou indiretamente relacionados com a tração animal (ferreiros, albardeiros, ferradores, etc.). O incentivo ao uso desta nova (velha) tecnologia, assente num uso responsável dos animais como fonte de energia renovável e sustentável, respeitando sempre a sua dignidade, necessidades fisiológicas e limites físicos, poderá impulsionar uma nova dinâmica ao mundo rural português, capaz de atrair capital humano e criar emprego através da exploração dos recursos agroflorestais, contribuindo para a recuperação e/ou manutenção da diversidade dos vários territórios rurais” – garante o responsável da APTRAN. O uso na manutenção e limpeza da floresta “assume-se como uma solução moderna, económica, competitiva e sustentável, como complemento e alternativa aos modelos de produção ditos convencionais. No espaço da União Europeia existem atualmente 11 milhões de explorações agrícolas cuja área total é inferior a 5 ha. O uso de tração animal, nesta superfície, é absolutamente razoável e economicamente competitiva, considerando-se mesmo que, em 10 ha, a tração animal continua a poder ser usada de forma totalmente eficaz. A pequena agricultura familiar constitui um estrato com grande peso no conjunto das unidades produtivas nacionais”.

Um dos utilizadores em Portugal é a empresa Parques de Sintra. Respondendo de forma institucional, a empresa salientou que os animais foram comprados no estrangeiro, tendo a escolha recaído na raça Ardennais, “treinados para o trabalho florestal”.

Uma alternativa não consensual

Para João Dinis, “a tração animal, não sendo, hoje, alternativa à maquinaria, também pode continuar a ser, em determinadas circunstâncias, um regresso inteligente ao passado pelo menos para melhorar o presente... e para lavar um futuro melhor”.

Já David Guimarães tem uma opinião pouco diferente. “Ao contrário, no novo modelo idealizado, deixamos em cada socalco e na base do muro uma única entrelinha para a circulação das máquinas em trabalho. Esta entrelinha de circulação das máquinas em cada socalco é a chave do modelo que idealizamos para a modernização dos socalcos” – estrutura que exige uma conservação permanente.

Já “a missão da Parques de Sintra prende-se



com o foco na Conservação e a opção por tração animal está, portanto, relacionada com o facto de ser uma técnica eficaz para a conservação da natureza. A tração animal permite uma maior preservação dos valores naturais, em detrimento de técnicas mais rentáveis. Responde eficazmente aos constrangimentos com que a empresa se depara, nomeadamente permitindo o acesso a áreas mais sensíveis, sem a utilização de máquinas que possam prejudicar os valores naturais af presentes, seja pela poluição sonora e atmosférica ou pelo impacto na preservação do solo” – salienta a Parques de Sintra.

Esta empresa pública ligada ao património garante que a utilização de animais é uma opção rentável.

António Lopes Ribeiro, vitivinicultor com sede no Dão e projetos noutras regiões, partilha a opinião acerca da relação de custo e benefício do uso de tração animal, que lamenta não poder “ainda” utilizar.

Pode ser rentável, desde que o produto seja vendido a preços compatíveis. O ‘custo animal’ será claramente inferior às máquinas e

despesas associadas. Todavia, nesta altura em Portugal, parece-me muito mais fácil ter um tratorista do que alguém para trabalhar com animais. Essa experiência tem-se perdido. Os poucos casos que conheço estão relacionados com pessoas já idosas. Embora tenha conhecimento de emigrantes em França a trabalhar em bons châteaux nessas funções!... Teremos de combater esse estigma social que, embora tenha vindo a diminuir, no caso da agricultura em geral, continua nesta parte da tração animal associando-a a um mundo atrasado, pobre e socialmente desprestigiante”...

Cada vez maior utilização

O gado de tração tem provado ser uma opção economicamente acessível em vários locais do mundo. Os responsáveis da APTRAN citam números das Nações Unidas. “Segundo dados da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO – Organização para a Alimentação e Agricultura), existem atualmente no mundo 300 milhões de animais de trabalho, 100 milhões dos quais referentes a equídeos (cavalos, mulas e burros), um número que tem aumentado gradualmente nos últimos anos principalmente em África, Ásia e América Latina, onde a tração animal assume um papel fundamental junto das populações que dependem diretamente da energia animal na agricultura mas também como meio de transporte de pessoas e bens, tanto em meio rural como urbano”. Só recentemente o uso animal se começa a reconhecer como alternativa a outras fontes de energia renovável. Se no mundo ocidental é ainda uma raridade, em Portugal são quase desconhecidas as vantagens do uso. O responsável APTRAN dá como exemplo o uso “nos países europeus mais desenvolvidos, inclusive na gestão do meio urbano como na manutenção de espaços verdes, recolha seletiva de lixo ou até mesmo no transporte escolar”.

Ligação a outros movimentos

Quanto a opções biodinâmicas, a empresa de Sintra encontra pontos de interesse: “São uma boa opção e um ótimo caminho a seguir na medida em que é um método de produção que recorre a boas práticas, com vista à manutenção e melhoria da fertilidade do solo, ao equilíbrio e à diversidade dos ecossistemas”.

Sim, a Parques de Sintra pratica agricultura biológica (na Quintinha de Monserrate e na Quinta da Pena – no Parque da Pena). É também sócia da Colher para Semear, contribuindo para os objetivos do projeto através do cultivo de variedades regionais nos

locais referidos acima, bem como da recolha e conservação de sementes e partilha de informação.

No produtor vitícola Casa de Mouraz (Dão), António Lopes Ribeiro lamenta não utilizar a tração animal: “Infelizmente não!”... Esta vontade integra-se no modo como encarará a produção. “Para quem, como nós, trabalha de forma ecológica, em viticultura biológica e biodinâmica, a tração animal faz todo o sentido. Existem muitas vinhas, por esse mundo fora, sobretudo aquelas que dão origem a alguns dos melhores vinhos, que continuam a ser trabalhadas dessa forma”.

António Lopes Ribeiro afirma: “A razão por essa opção reside em não haver “compactação dos solos, não há poluição e há sobretudo uma maior harmonia com os diversos reinos da natureza onde o homem (que tanta vez se esquece) está também inserido”...

“O argumento da tração animal só faz sentido se associado a uma agricultura ecológica... Sim, existem pessoas no mundo que valorizam estes argumentos, desde que associados e tendo como resultado um produto de qualidade excepcional” – diz um dos rostos da Casa de Mouraz.

Para João Brandão Rodrigues, as agriculturas biológica e biodinâmica são o presente e o único futuro possível. Caso não se adotem práticas verdadeiramente ecológicas (o nome não é muito relevante) dificilmente teremos futuro”.

O acadêmico acrescenta: “A proteção ou a produção integrada só fazem sentido como primeiro passo no caminho da agricultura ecológica. Caso contrário corresponde apenas a uma redução de uma poluição que vai continuar durante mais tempo”...

Urbano de nascimento e de vida, com ligações fortes a Freixo de Espada à Cinta, Ma-

20% a 30%. Qualitativamente, temos sentido uma evolução ligeira mas sustentada da complexidade dos vinhos”.

Gomes Mota pensa que, por a produção ficar fortemente reduzida e de haver um aumento dos custos, o preço a pagar terá de ser elevado. A Maritávora “vai iniciar este ano a produção de vinhos biológicos” e também a venda dos primeiros produzidos nessa prática. Para Manuel Gomes Mota, os modos produtivos biológico e biodinâmico não são uma questão de moda. “Pensamos que será uma tendência em crescimento para as próximas



décadas”. A produção em biológico está incorporada, já a biodinâmica... “A biodinâmica é uma forma de agricultura mais subtil e integrada, e exige uma dedicação diferente. Penso que as questões que se colocam não são económicas, face à agricultura biológica” – explica o empresário.

A agricultura biológica e a biodinâmica não assustam os técnicos da Real Companhia Velha. Na Quinta do Sítio vive-se o segundo ano em regime biológico. Ainda que não se desfazendo do modo comum, Rui Soares e Álvaro Martinho Lopes salientam que esses são caminhos a seguir, “mais tarde ou mais cedo, ou então praticarmos uma viticultura mais ‘amiga do ambiente’ onde se assegura

tenção”, adianta David Guimaraens.

Europa lidera, mas o mundo está atento

O interesse nesta solução, um pouco por todo o lado, levou à constituição, em 2003, duma federação, a FECTU (Fédération Européenne du Cheval de Trait pour la promotion de son Utilisation), que reúne atualmente quase 20 associações oriundas de 14 países europeus, incluindo Portugal.

Ao contrário de Portugal, onde outros animais eram preferidos no trabalho rural, em muitos países o cavalo era a ferramenta mais usada. Informação em português há muito pouca, tal como o reconhecimento do uso dos animais.

Com um caráter centrado no burro, o sítio português <http://www.aepga.pt/> é um pouco genérico na informação, referindo eventos, científicos e lúdicos. É um repositório de ações, mas não adianta conhecimentos.

Na língua de Camões, a informação mais precisa quanto ao uso de animais de trabalho é a página do Facebook Aptran: <https://www.facebook.com/AptranAssociacaoPortuguesaDeTracaoAnimal?fref=ts>.

Um estudo, de Paul Starkey and Adama Faye, publicado no sítio <http://www.animaltraction.net>, cita vantagens que a tração animal pode ter em países do terceiro mundo.

Esta organização não é nova, tendo sido fundada em 1988, pelo que nela se pode encontrar diversos conteúdos acerca dos benefícios do uso da tração animal.

Para quem adotou ou pondera a aquisição de um cavalo para trabalho, o sítio http://www.carthorsemachinery.com/Carthorse_Machinery/Welcome.html apresenta e ensina vários modos de utilização do cavalo e do seu treino.

O sítio <http://modern-horse-power.org/> além de narrar as vantagens do uso do cavalo, apresenta uma lista de instrumentos, alfaias, arreios e diversos produtos e acessórios para o trabalho e bem-estar dos equídeos. O sítio http://www.noieilcavallo.org/versione_inglese/news_uk.html é menos específico do que o anterior, mas pode complementar informação.

Os verdadeiros interessados, que já têm a tração animal decidida na cabeça, mas querem ficar mais convencidos, têm o sítio da FECTU: <http://www.fectu.org/>.

Uma vez que se assinalaram as ligações do mundo animal à viticultura, o blogue da vitícola Tablas Creek pode ser interessante. Além de informação acerca do trabalho de tração animal, esta empresa californiana apresenta, em <http://www.tablascreek.com/artigos>, dos mais genéricos e institucionais, até à culinária e à biodinâmica. 🐾

“No espaço da União Europeia existem atualmente 11 milhões de explorações agrícolas cuja área total é inferior a 5 ha. O uso de tração animal, nesta superfície, é absolutamente razoável e economicamente competitiva, considerando-se mesmo que, em 10 ha, a tração animal continua a poder ser usada de forma totalmente eficaz.”

nuel Gomes Mota decidiu avançar com um projeto de enoturismo. Surgiram os vinhos Maritávora, colocados em segmento alto. Gomes Mota não é um típico vitivinicultor, sendo empresário de diferentes ramos, mas hoje é o vinho que o faz viajar mais e ocupar mais tempo.

O projeto pratica agricultura em modo biológico desde 2008. “Ao nível quantitativo temos sentido uma diminuição da produção de

uma atividade económica, mas ao mesmo tempo com respeito pela natureza”.

Para a Fladgate Partnership, “A biodinâmica é outro assunto. Um assunto sério. Quanto ao recurso à tração animal é apenas bom senso”. Em todas as vinhas do universo da empresa, sustentáveis e biológicas, “sempre foi corrente a tração animal, quer alugada, quer própria. A tração animal não é um recurso na viticultura de montanha; é uma in-